

Marcos da fortuna crítica de Fernando Pessoa: o tempo cultural presenciista

Caio Gagliardi

Universidade de São Paulo

Resumo

Este breve texto foi lido na abertura do evento que reuniu, na Universidade de São Paulo, os grupos de pesquisa Estudos Pessoaanos e Estranhar Pessoa, em maio de 2017, e do qual provém os demais textos deste número. Trata-se, portanto, de uma apresentação. Sua ideia mais geral consiste em considerar que, para nos reaproximarmos da obra pessoana sem reproduzir inadvertidamente discursos, refazer perguntas e reencontrar respostas, é preciso tratar a crítica a seu respeito como objeto de análise. Não por acaso, os leitores mais decisivos da obra de Pessoa foram leitores perspicazes de sua crítica. Sob esse enfoque, o ensaio propõe uma releitura resumida da crítica presenciista do poeta, nomeadamente os trabalhos fundadores de João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro.

Abstract

This short text was read at the opening of the event that brought the research groups Estudos Pessoaanos and Estranhar Pessoa together at the University of São Paulo in May 2017, and from which the other texts of this issue come from. Thus, it is a presentation. Its more general idea is to consider that, in order to approach Pessoa's work again, without inadvertently reproducing discourses, asking questions again and rediscovering answers, one must treat criticism about him as an object of analysis. It is not by chance that the most decisive readers of Pessoa's work were insightful readers of his criticism. Under this approach, the essay proposes a brief re-reading of *Presença* group's criticism of poet, namely in the founding works of João Gaspar Simões and Adolfo Casais Monteiro.

Keywords: Fernando Pessoa; João Gaspar Simões; Adolfo Casais Monteiro.

Em torno da poesia, da prosa, da personalidade e da biografia, da gênese, da heteronímia, da veia política e da veia esotérica, dos projetos e das polêmicas, enfim, das questões que se levantam em torno de Fernando Pessoa, muito já foi e continua sendo dito. O poeta deixou de ser simplesmente um grande nome da literatura moderna para se tornar um mito, dos maiores no século XX. A partir de 1942, com a publicação de sua “obra completa”, pela Ática, o ingresso no mundo acadêmico através do trabalho de Jacinto do Prado Coelho (1949), e a publicação de sua biografia por João Gaspar Simões (1950), não se deixou mais, de geração em geração, de revisitá-lo sob as mais diversas e, por vezes, inusitadas óticas. Há, efetivamente, em menos de um século, uma biblioteca crítica sobre o poeta – a maior, e em mais rápida expansão, biblioteca sobre um autor em língua portuguesa.

À luz de tanto, que enorme desafio é o de analisar e interpretar essa obra. Quando penso nos jovens pesquisadores aqui presentes (com quem divido o mesmo espaço físico e intelectual), eu me pergunto: que receios? Que hesitações? Que pesadelos os acompanham? Serão os mesmos que um dia eu tive, e que, ainda por vezes, continuo a ter? Será esse o nosso grão da voz, a semente de nossa identificação?

Ao mesmo tempo que Pessoa é hoje uma das figuras dominantes nos estudos sobre literatura portuguesa, sua difusão na cultura portuguesa e internacional alastra-se tanto pela literatura quanto pela música, o teatro e até as artes visuais. No tocante à nossa língua, seja pela renovação no emprego lexical, seja pela inventividade no uso da sintaxe, o poeta é um renovador, sua poesia é um elemento revitalizador até mesmo na linguagem cotidiana. Há, afinal, uma ampla tradição cultural marcada pela aparição de Fernando Pessoa na literatura. Pensar sua obra, por isso, significa, de um modo ou de outro, esbarrar num universo que, tendo surgido a partir dela, tornou-se, em sua grande amplitude, tangencial a ela.

Lembro-me, a esse respeito, da aula de abertura de um curso de pós-graduação em que me matriculei na USP, sobre Fernando Pessoa, tendo recém-defendido uma dissertação de mestrado sobre a crítica pessoana de Casais Monteiro. Lá se vão 17 anos. A professora apresentava o curso indicando relações, segundo ela essenciais para se compreender Pessoa, entre a sua poesia e a poesia medieval, escalando-me para um seminário sobre o *Livro do desassossego* e, o que de fato me surpreendeu, afirmando que não leríamos textos críticos a respeito do poeta, porque o que ela buscava era uma “leitura original” da obra de Pessoa. E era, de fato, um curso sem fortuna crítica. Eu não me emociono ao lembrar aquela aula, porque me senti como a pessoa errada, na hora errada e no lugar errado. Havia passado os anos mais intensos de minha vida acadêmica a

defender a ideia de que só considerando a crítica pessoana como objeto de análise é que poderíamos efetivamente nos reaproximar de sua obra. Do contrário, estávamos destinados a reproduzir discursos, a refazer perguntas e a reencontrar respostas. Na época, como eu tinha o defeito de ser muito radical, decidi não frequentar o curso. Hoje, menos inflexível, em geral, não creio que o meu pensamento tenha mudado substancialmente a respeito da relação entre o poeta e sua crítica. A meu ver, os leitores mais “autênticos” de Pessoa – penso em Jorge de Sena e Eduardo Lourenço, por exemplo –, são sempre, e não por acaso, grandes leitores também de sua crítica. Eu havia acabado de defender um mestrado sobre o tema, e uma das epígrafes daquela dissertação era uma resposta contundente ao curso do qual eu estava prestes a desistir: naquele pequeno texto que caía como uma luva para o trabalho, Eduardo Lourenço afirmava que “um contato ‘inocente’ ou acintosamente ingênuo (livre) com a obra de Pessoa tornou-se impraticável. Nenhum deus escapa à perversão do ritual inventado para o tornar presente” (Lourenço, 1980: 15).

A perversão dos rituais inventados para presentificar um autor é bastante visível quando nos voltamos para as obras daquelas figuras do século XIX que mais alimentaram o imaginário cultural do século XX. Penso em Marx e Freud, por exemplo. Poucos nomes alteraram a linguagem científica, exegética e cotidiana com tanta amplitude quanto ambos. Justamente por isso, tornou-se sensível, a partir das últimas décadas do século passado, um movimento geral contra a vulgarização do marxismo e do freudismo, como reação a essa excessiva popularização. De modo análogo, tendemos a nos aproximar de Pessoa por um ângulo que não deriva diretamente de sua literatura, mas das repercussões que ela teve no imaginário público, nas artes, na língua, nos livros didáticos e na sucessão de releituras realizadas pela crítica. Há um conceito formulado *a priori* sobre a maior parte das questões que envolvem a obra literária e a personalidade de Pessoa. E isso, se por um lado leva o público a interessar-se por sua leitura, e, mais claramente, a comprar seus bibelôs, por outro, condiciona-a segundo uma chave mais ou menos pré-estabelecida, assumida muitas vezes involuntariamente. Embora esses filtros culturais condicionem inevitavelmente a nossa aproximação dessa obra, e mesmo a constituam enquanto objeto de reflexão, parece uma tarefa urgente, neste momento, verificar em que consistem as leituras históricas, que servem de pressupostos e efeitos de sentido às leituras contemporâneas. Assim, se é inviável imaginar-nos lendo Pessoa fora desse quadro, talvez possamos superá-lo pela análise descritiva de suas principais obras constitutivas, possibilitando, desse modo, uma leitura

de seus textos mais isenta e imune ao preconcebimento, vale dizer, sem filtros críticos inadvertidamente assumidos.

Este nosso encontro, que se estenderá até amanhã, mas que possivelmente terá ainda outras etapas, é motivado por essa tarefa (embora cumpra apenas com uma pequena parte dela) e dá seqüência a um projeto que iniciei em 1996, em minha pesquisa de Iniciação Científica a respeito da crítica sobre o poeta, e que hoje não recordo nostalgicamente, mas olhando para frente, com o espírito animado pela presença dos que aqui estão.

Alguns trabalhos, como “A Fortuna Crítica de Fernando Pessoa”, de Eduardo Lourenço, ou, mais remotamente, “Fernando Pessoa e a Crítica”, de Adolfo Casais Monteiro, tratam do assunto de forma panorâmica, propondo-se a um histórico das diferentes abordagens de sua literatura no decorrer do tempo. Mas não há, até o momento, um estudo sistemático e de maior fôlego que se ocupe de acompanhar o movimento crítico, de modo a revelar a herança interpretativa que, ao longo dos anos, foi se cristalizando.

Nos trabalhos de um grande número de exegetas e comentadores “pessoanos”, entre os quais se notam *scholars* de toda parte – críticos literários, linguistas, filósofos, filólogos, psicólogos –, místicos, poetas ou simples amadores, uma das recepções críticas fundamentais é aquela referente ao momento marcado pela divulgação inicial e pelas primeiras abordagens de sua poesia. Muitas das perguntas que ainda fazemos, e das respostas que formulamos, repetem textos publicados há mais de meio século, que simplesmente não lemos (porque somos preguiçosos ou porque preferimos ler os seus leitores), ou que lemos, muitas vezes, sem o devido cuidado. Não tratarei aqui de dez textos, como imaginei fazer antes de preparar esta apresentação, mas de alguns deles, que estabelecem, a meu ver, o esteio da fortuna crítica, o ponto de partida mais adequado para este evento. “A exegese pessoana [pelo diagnóstico de E. Lourenço] é hoje uma selva luminosa onde ninguém está disposto a reconhecer pai e mãe” (Lourenço, 1980: 15).

Saber reconhecer nossa filiação enquanto críticos de Pessoa significa nos tornarmos capazes de enxergar a contingência de nossa própria linguagem como resultado da literalização do que um dia foram metáforas poderosas, mas que, com o passar do tempo, e com as sucessivas retomadas que sofreram, se enferrujaram em nossos discursos. Essa capacidade de renovação, de superação das marcas cegas de nossas abordagens críticas, está, afinal, no horizonte deste encontro, e me parece se valer de uma feliz formulação de Richard Rorty:

As metáforas antigas estão constantemente a morrer e a tornarem-se literais e, assim, a servir de plataforma e de base para novas metáforas. Esta analogia permite-nos pensar a “nossa linguagem” – isto é, a linguagem da ciência e da cultura da Europa do século XX – como algo que ganhou forma como resultado de um grande número de puras contingências. (Rorty, 1994: 39)

*

É no interior do movimento da *Presença*, usualmente entendido como o 2º. Modernismo português, que vamos de fato reconhecer as contingências formadoras de nossa linguagem, isto é, os pressupostos que assumimos e, não menos importantes, aqueles que, explícita ou implicitamente, rejeitamos quando fazemos uma afirmação supostamente autoral. É este, afinal, o primeiro momento de consequente reflexão crítica sobre Fernando Pessoa. Quando me refiro aos críticos presencistas de Pessoa, refiro-me a dois nomes: João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro.

Ao situar suas obras como os baluartes dessa primeira geração, não penso somente nos artigos publicados na revista, ou mesmo nos trabalhos saídos em volume no mesmo período. O legado que a época presencista deixou às suas trajetórias, e, principalmente, a inestimável influência que exerceu sobre a recepção posterior do poeta, possibilitam-nos incluir, à luz das semelhanças e diferenças, as suas duas principais obras – *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (1950), de Gaspar Simões, e *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* (1958), de Casais Monteiro – como os pontos altos, ao lado da *Presença*, do legado dessa primeira geração.

Embora atualmente menos frequentado pelos pesquisadores de Fernando Pessoa, e tendo sido massivamente condenado pelos críticos de seu tempo, o colossal estudo de Gaspar Simões apresenta-se, quando encarado a muitas décadas de sua publicação, como uma obra repleta de intuições argutas (muitas delas desenvolvidas posteriormente por outros críticos), de grande fôlego narrativo, descritivo e ensaístico. É raro nos depararmos com uma abordagem relevante na tradição crítica pessoana que não dialogue com *Vida e obra de Fernando Pessoa*. Empreitada de alto risco, este livro é, ao mesmo tempo, um marco e uma fonte de polêmicas. Não se trata apenas de contar, ou deduzir, uma biografia, mas de abordar a poesia, as cartas, a personalidade, o misticismo, as reflexões políticas e a gênese heteronímica, que foi uma obsessão para o crítico. Além disso, o livro traça em linhas gerais a história da primeira geração modernista em Portugal,

constituída por aqueles que, mais ou menos diretamente, permaneceram em torno da revista *Orpheu*. Num nível meramente biográfico, *Vida e obra* suscita reservas, devido ao seu caráter anedótico (diria “romanceado”, o próprio Gaspar Simões). O psicologismo causalista leva o crítico a inferir dados biográficos do texto literário. Em contrapartida, a literatura é encarada como projeção direta da vida. Uma crítica explicativa acaba por reduzir o texto a motivações externas, entre as quais avultam a nostalgia da infância, o complexo de Édipo e o medo da loucura. Como resultante desse freudismo simplificado, temos uma imagem um tanto punitiva de Pessoa. É ainda importante notar que Gaspar Simões faz recorrentemente juízos estéticos, boa parte deles perecível com o tempo, por estarem embasados no pressuposto evolutivo, o que relega aos poemas iniciais um papel secundário com relação aos poemas da maturidade de Pessoa. Por outro lado, o ineditismo do trabalho a que o crítico se propôs, especialmente por sua riqueza de fontes, o brilho de muitas passagens e as proporções a que chegou foram de inestimável contribuição à fortuna crítica pessoana.

É sempre mais cômodo, e talvez mais divertido, afinal, salientar os defeitos do que reconhecer a dívida que temos com os nossos antepassados. Hoje, não é raro ver o nome de Gaspar Simões grassar pelos congressos pessoanos como motivo de piada. Não direi que ele não as merece, tampouco que são injustas, mas que elas também revelam a nossa incapacidade, ou o nosso incômodo, de reconhecer no discurso de Gaspar Simões uma das contingências de nossa linguagem. Afirmar isso talvez seja mais simples para mim, por não ter convivido com o autor de *Vida e obra*. Certamente a empatia pessoal conta muito em nossas escolhas de mérito. Portanto, recorro a outro leitor seu, que conheceu bem Gaspar Simões: a despeito das muitas reservas feitas por Eduardo Lourenço a este livro, é dele, afinal, a avaliação segundo a qual, com *Vida e obra*, o crítico presencista teria construído a imagem “definitiva” de Pessoa. Segundo Lourenço, *Vida e obra* “contribuirá, mais do que qualquer outro estudo sobre o autor da ‘Ode triunfal’, para a mitologia crítica ou a mitologia ‘tout court’ de Pessoa” (Lourenço, 1993: 25).

Oito anos mais tarde, surgem os *Estudos sobre a Poesia de Fernando Pessoa* (1958). Adolfo Casais Monteiro não escreveu propriamente um livro; trata-se aqui de uma reunião de ensaios sobre Pessoa, bem menos pretensiosa do que a obra magna de seu companheiro de geração, mas menos modesta do que possa aparentar seu título. Esta coletânea reúne estudos escritos em mais de uma década, que abordam a poesia de Pessoa, a sua relação com o modernismo em Portugal, o sentido mais geral de sua “obra”, a crítica sobre o poeta e a gênese heteronímica. Tudo realizado de um modo conciso, sem detalhismo ou caráter documental. O crítico se nega a impor

à poesia uma lógica externa, reconhecendo o “gênio” como princípio básico de seu trabalho; a despeito disso, a imagem que constrói do poeta é difusa num excesso admirativo. Pode-se dizer que, em certo sentido, este é um livro que nega o tanto que afirma, que adverte ao mesmo tempo que enaltece, pois transparece, em alguns momentos, o esforço de Casais Monteiro por sair da sombra de *Vida e obra*. A bem considerar, em muitos momentos sua leitura (a exemplo do que ocorre em outros muitos momentos da fortuna crítica sobre o poeta) é uma resposta à leitura de Gaspar Simões. Ocasionalmente, Casais Monteiro fornece indícios de que pretende operar uma reviravolta na perspectiva crítica anterior, calcada em um psicologismo causalista, apontando para uma leitura mais textual do fenômeno, baseando-se na filosofia da arte de Jung e na noção eliotiana de modernidade. Mas são apenas lampejos que não apagam de sua perspectiva o interesse vincadamente presencista pela gênese heteronímica, discutida segundo as claves da “sinceridade” e do “artifício”, que se constituíram como os pontos de referência dessa primeira geração crítica.

É claro que, ao situar as obras de Gaspar Simões e Casais Monteiro nesse primeiro momento crítico iniciado na *Presença*, não estou seguindo à risca o critério cronológico. Fosse assim, os trabalhos de Mar Talegre (1947), Jacinto do Prado Coelho (1949), Eduardo Freitas da Costa (1951), Armand Guibert (1955), Maria da Encarnação Monteiro (1956), Manuel Antunes (1957), Jorge Nemésio (1958), Maria Helena da Rocha Pereira (1958) e Cleonice Bernardinelli (1958), entre outros de menor alcance, como os de Carlos Queirós (1936) e de Edouard Roditi (1955) – todos publicados durante o período que vai até 1958 (data da publicação dos *Estudos*, de Casais Monteiro) –, deveriam ser incluídos nesse acervo inicial. Há, todavia, uma relação muito íntima e, de fato, essencial, entre a imagem de uma literatura pessoana e a crítica da *Presença*, que força essa transposição de datas e de nomes para situar bem os instantes em que a crítica, apesar de passados os anos, e de desaparecida a revista, continuou, mediante algumas adaptações e uma nítida evolução teórica, a seguir uma estética ainda presencista. Falo, portanto, de um “tempo cultural”, para recobrir com exatidão essa primeira geração de leitores.

Cabe aos presencistas e à *Presença* o *locus* inaugural, o “esteio da fortuna crítica”, ou o “primeiro olhar crítico” sobre o poeta. É de Gaspar Simões, por exemplo, o mérito de ter publicado um dos primeiros estudos exclusivos sobre Pessoa, ou sobre a personalidade de Pessoa, em *Temas* (jun. de 1929). À *Presença* coube a publicação de alguns dos mais importantes poemas tanto do Pessoa ortônimo (como “Autopsicografia”) quanto dos heterônimos, como “Aniversário”, de Campos, e “O oitavo poema do Guardador de Rebanhos”, de Caeiro; de

traduções, como do “Hino a Pã”, de Aleister Crowley (out. de 1931); e das célebres “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro (algumas delas)” (jan.-fev de 1931). Na *Presença* encontram-se ainda a “Tábua Bibliográfica” do poeta (dez. de 1928), sua carta em discordância a um determinado ensaio de cunho psicanalítico de G. Simões (jul. de 1936), e as célebres cartas a Gaspar Simões, defendendo-se de sua lâmina psicológica, e a Casais Monteiro, em que discorre sobre a gênese dos heterônimos (jun. de 1937). Além disso, a revista nos apresenta muitos artigos e notas sobre Pessoa, entre os quais uma das primeiras referências críticas à sua obra: o artigo de José Régio, intitulado “Da Geração Modernista” (abr. de 1927). A *Presença* ainda dedica a Pessoa um número especial, o 48 (jul. de 1936), o primeiro em Portugal em homenagem ao poeta falecido a 30 de dezembro de 1935. No mesmo número encontra-se também um dos primeiros estudos sobre Alberto Caeiro, intitulado “Ensaio de compreensão poética”, de Guilherme de Castilho.

Repare-se que eu não estou dizendo nunca “o primeiro”, mas “um dos primeiros”, seja porque não dou tanta importância a isso (acho que uma coisa realmente se inicia somente em retrospectiva, só depois que muitos a descobriram e a recolocaram antes deles), seja porque, em se tratando de pessoas, mesmo que eu possa estar certo hoje, não tardará que alguém encontre outro texto anterior ao que mencionei.

À luz desse momento inaugural da fortuna crítica do autor, vale a pena lembrar o que outro de seus “primeiros” críticos, o francês Pierre Hourcade, afirmou sobre a importância que a revista teve para Pessoa:

As únicas alegrias de espírito e de coração que o grande poeta porventura conheceu nos derradeiros anos deveu-as aos seus respeitosos e fervorosos admiradores da *Presença*, e foi isso sem dúvida que o levou a aceitar “descobrir-se” (até certo ponto), confiando-lhes, primeiro, as “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro” (n. 31, Jan.-Fev. de 1931), e endereçar depois a dois deles, Gaspar Simões e Casais Monteiro, essas cartas inéditas que a *Presença* publica no seu n. 48 (Julho de 1936) e 49 (Junho de 1937) e que se podem considerar o ponto de partida obrigatório de toda a exegese pessoana digna de tal nome. (Hourcade, 1977: 25-26)

*

Era basicamente isso que eu tinha planejado dizer aqui hoje. Depois de tantos encontros de cuja organização participei e de tantas experiências vividas neste semestre, é realmente uma sorte ter ao meu lado pesquisadores tão competentes e alunos que me inspiram tanto. Vocês me deixam à vontade para tomar uma pequena liberdade – de encerrar esta fala de abertura com um sonho.

Talvez haja aqui nesta sala outros que, como eu, algum dia tenham sonhado com uma biblioteca. Embora eu não seja um comprador de livros, depois de ter começado a reunir algumas dezenas de exemplares sobre Pessoa (com a ajuda de alguns orientandos mais obstinados), e de mandar fazer portinhas para as prateleiras do gabinete 32 deste prédio, para evitar que os livros, num belo dia, saíssem voando por aí (como, afinal, acontece às centenas em nossa maior Biblioteca), sonhei com a nossa Pessoa (assim passei a chamá-la, enaltecendo-a, estimulando-a) como um universo, um espaço composto por “um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas”. Tal como a imaginei,

A distribuição das galerias é invariável. Vinte prateleiras, em cinco longas estantes de cada lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um bibliotecário normal. || Uma das faces livres dá para um estreito vestíbulo, que desemboca em outra galeria, idêntica à primeira e a todas. À esquerda e à direita do vestíbulo, há dois sanitários minúsculos. Um permite dormir em pé; outro, satisfazer as necessidades físicas. Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva ao infinito. (Borges, 2007: 69)

Borges preferiu sonhar com uma biblioteca infinita. Já esta com que sonho é realmente infinita porque está em permanente expansão. Enquanto caminho pelos seus corredores e pinço curiosamente, sempre com o indicador direito, seus livros das estantes, folheio-os e os devolvo, ela está a aumentar, ininterruptamente, inclusive quando, no Brasil, tudo para – no Carnaval, no Natal e no Ano Novo. Os livros chegam e as estantes se erguem num ritmo que os meus passos não podem acompanhar. Mas não se trata de simplesmente percorrer a biblioteca a pé, ou de patinete, ou, quem sabe, de algum veículo motorizado. Uma biblioteca é infinita enquanto não se terminar de lê-la. E muitos dos livros que a compõem são, a bem da verdade, intermináveis. É preciso relê-los periodicamente. É verdade que talvez não sejam muitos. É raro, afinal, encontrar um livro infinito. São algumas dezenas, eu arriscaria dizer. Mas são algumas dezenas de infinitos.

O título desta minha apresentação poderia ser, em vez de “Marcos da fortuna crítica de Fernando Pessoa”, “Uma dezena de infinitos”. Mas eu pensei que ficaria melhor se o nomeasse provisoriamente no início, e definitivamente apenas no final, já sem o número “10”, que, diante do infinito, não é um algarismo significativo. É que não valeria a pena resenhar esses textos um a um. Além de já o ter feito em outra ocasião, seria fastidioso submetê-los a essa tarefa. Preferi, ao invés disso, tratar aqui de seu tempo de fundação, de nossa mais antiga filiação. Gostaria, entretanto, de encerrar esta apresentação, que imaginei como uma justificativa para o tema deste encontro e um pontapé inicial para as demais falas que estão para se iniciar, com as imagens desses dez marcos que selecionei (e que, com a colaboração dos pesquisadores do grupo Estudos Pessoaanos, são já dezessete, e permanecem em expansão). Não queria mencioná-los como se fosse um obituário, mas exatamente o contrário: para que, nomeando-os, pudéssemos, pela força da palavra, realmente enxergá-los – como nossos animadores espirituais; obras que ajudaram a fundar o nosso tempo, a redimensionar o nosso espaço e a ajustar a nossa visão.¹

Referências

- BORGES, Jorge Luis (2007) “A biblioteca de babel”, in *Ficções*, São Paulo, Companhia das Letras, 69-79.
- HOUCADE, Pierre (1977) “O Ensaio e a Crítica na *Presença*”, *Colóquio Letras*, n. 38: 20-29.
- LOURENÇO, Eduardo (1980) *Pessoa Revisitado – leitura estruturante do drama em gente*, 2ª. ed, Lisboa, Moraes.
- _____ (1993) “A fortuna crítica de Fernando Pessoa”, in *Fernando, rei da nossa Baviera*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 21-34.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (1958) *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa*, Rio de Janeiro, Agir.
- PRESENÇA* – Edição fac-similada, Tomos I, II e III (1993), Lisboa, Contexto.
- RORTY, Richard (1994) “A contingência da linguagem”, in *Contingência, Ironia e Solidariedade*, Lisboa, Editorial Presença, 23-46.
- SIMÕES, João Gaspar (1950), *Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração*, II Vols, Lisboa, Livraria Bertrand.

¹ Seguiu-se a projeção de dez capas de livros, tal como arranjadas na página de pesquisa do Grupo Estudos Pessoaanos (<http://estudospessoanos.fflch.usp.br/node/31>), sendo eles: *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa* (1949), de Jacinto do Prado Coelho; *Vida e obra de Fernando Pessoa – história de uma geração* (1950), de João Gaspar Simões; *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* (1958), de Adolfo Casais Monteiro; *Teoria poética de Fernando Pessoa* (1970), de Georg Rudolf Lind; *Fernando Pessoa revisitado – leitura estruturante do drama em gente* (1973), de Eduardo Lourenço; *Fernando Pessoa ou o poetodrama* (1974), de José Augusto Seabra; *Fernando Pessoa e Cia. Heterónima*, de Jorge de Sena (1982); *Fernando Pessoa – quem do eu, além do outro*, de Leyla Perrone-Moisés; *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações* (1987), de José Gil; *Estranho estrangeiro – uma biografia de Fernando Pessoa* (1996), de Robert Bréchon.